

“RIMAS” (De José Albano)

Osório Duque Estrada

Propositalmente deixei para o fim o que tinha a dizer sobre o livro do sr. José Albano, para que encontrasse o Registro uma chave de ouro nas admiráveis estrofes deste pequenino volume de obras primas.

Não tenho, sequer, a ventura de conhecer o poeta, que vive agora longe do Brasil, e acaba de dar o seu trabalho à estampa em Barcelona, onde exerce, creio eu, as funções de um cargo consular. Comuniquei-me, porém, com ele, em coração e em espírito, e facilmente me foi dado compreendê-lo através da poesia simples, natural e espontânea que ressalta de todas estas páginas encantadoras, como a servir de exemplo e de modelo a moderníssimos escritores, que só no artifício da sintaxe canhestra e no malabarismo dos tropos bárbaros e arrebicados julgam encontrar a verdadeira expressão poética dos novos ideais.

Estas “Rimas” vêm, como efeito, mais uma vez afirmar que a espontaneidade é ainda e será sempre a qualidade máxima e primordial da verdadeira poesia. Que se abotõe em seda pura e em linhas corretas e impecáveis a roupagem que tenha de vestir a idéia e o sentimento tanto melhor, mas não será sem dúvida a modéstia do traje, desde que assente leve e gracioso, quem lhe há de desdourar a formosura natural, porque bem certo parece que, em poesia também, como no mais não é hábito, ou, pelo menos, não é só o “hábito” que faz o monge. Dela como da mulher se deve exigir que seja, antes de tudo, bela e graciosa, e não apenas rica ou pomposamente arreada de atavios e de galas, p’ra que se não venha a dizer do poeta o mesmo que do pintor disse com tresdobrada razão o crítico de Atenas, ao contemplar na téla a figur feminina

exposta ao público por um discípulo de Zeuxis: — “Fizeste-a rica, porque a não pudeste fazer formosa”.

Quando, porém, os atavios e os enfeites que lhe põem, não passam de falsas jóias, ou ridiculíssimos lambrequins de mau quilate, servindo de reles ornatos em colo estreito e ressequido de múmias ou de mendigas, a poesia fica sendo apenas cousa pouco mais que ridícula ou monstruosa, e os “gênios”, que a manipulam, não conseguem superar em muito habilidade dos “santeiros” profissionais, fabricantes de imagens hediondas, toucadas de resplendor em raios feitos de latão ordinário e revestidas grotescamente de espalhafatosos mantos e estrelados...

A espontaneidade — eis a primeira e principal condição da poesia, que não é apenas forma e aparência, senão também, e muito principalmente, fundo e sentimento. Que o digam, melhor do que eu, estas encantadoras redondilhas do poeta José Albano:

CANTIGA

“Nestes sombrios recantos
Nestes saudosos retiros,
Deslisa um rio de prantos
E corre um ar de suspiros.

VOLTA

Tenho na lama dois moinhos,
Um é de água, outro é de vento;
Ambos juntos e vizinhos
Estão sempre em movimento
E giros tantos e tantos
E tantos e tantos giros
Dão ao primeiro os meus prantos
E ao segundo os meus suspiros”.

Isso, sim, é poesia, da verdadeira e da melhor, como há muito tempo não aparece cá pelos sítios do nosso Parnaso. E não precisa ir o leitor além da página imediata, para ver logo cintilar o mimo de mais esta pequenina jóia:

“Há, no meu peito uma porta
A bater continuamente;
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente,
Em toda parte onde eu ando,
Ouço este ruído infindo;
São as tristezas entrando
e as alegrias saindo”...

E mais a peregrina formosura destas cópeas, que chegam para afirmar a personalidade de um inspirado vate, irmão do suavíssimo João de Deus e da mesma raça lídima dos velhos líricos, desde Camões até Guilherme Braga:

“Que me roubou o Amor cego?
O socego.
E esta vida triste e escura?
A ventura.
E o fado cruel e iroso?
O meu gozo.

Dest’arte vivo entre a gente
Magoado e saudoso,
De que perdi juntamente
Socego, ventura e gozo.

Comigo os dias quem passa!
A desgraça.
A chorar quem me condena
Uma pena.
E quem me trás desmaiado?
Um cuidado.

Dest’arte, em queixas defeito,
Contra o meu destino brado,
Trazendo dentro do peito
Desgraça, pena e cuidado.
Onde está o céu risonho?
No meu sonho.

Onde o gosto benfazejo?
No desejo.
Onde a paz serena e mansa!
Na esperança.
Dest'arte já não maldigo
O bem se não alcança,
Pois tenho ainda comigo,
Sonho, desejo e esperança”...

O sabor clássico e meio quinhentista destas estrofes, misturando à espontaneidade lírica e sentimental, que de todas elas deflue, deixa, inquestionavelmente, no volume das “Rimas”, a traça de um grande poeta, que bem merece a honra de ser lido e festejado nos dois países em que se fala ainda a cantante e harmoniosa língua de Camões.

Aqui lhe deixo a expressão dos meus mais sinceros e entusiásticos aplausos.